



CARTA

DO AUTOR DO LIVRO

O PAPA-REI E O CONCILIO

A SEU PAE

O SR. GREGORIO NUNES GIRALDES

1871

COIMBRA

Imprensa da Universidade

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
LISBOA — COIMBRA — FARO

Sala 17
Est. 12
Tab. 4
N.º 18

INV.- Nº 2517

Museu Nacional da Ciência
e da Técnica

Nº ~~47~~

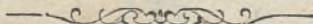
CARTA

DO AUTOR DO LIVRO

O PAPA-REI E O CONCILIO

A SEU PAE

O SR. GREGORIO NUNES GIRALDES



COIMBRA
Imprensa da Universidade
1871



AC
HNCE
2
GER

679

CARTA

NO. ALTO DO LITRO

PAZ-ARILHO GOVERNIO

1871

1.231.000.000.000.000



1871

1871

1871



AOS COVILHANENSES

000679

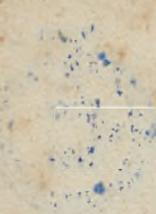
AOS NOBRES FILHOS DO TRABALHO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA

AO POVO JUSTO E BOM

D.

MANUEL NUNES GIRALDES.



FOR CONTAINERS

FOR CONTAINERS

FOR CONTAINERS

D.

FOR CONTAINERS



Meu Pae

Dias antes de receber a sua carta de 27 do presente, dizia-me, em presença de varias pessoas illustradas, um dos mais talentosos e eruditos lentes da Faculdade de Theologia, e dos primeiros entre os nossos oradores sagrados, o sr. dr. Francisco dos Santos Donato, as seguintes palavras a proposito do meu livro: *O Papa-Rei e o Concilio*: — «Não concordo com a ideia capital do livro; não porque eu acredite na instituição divina do poder temporal, mas porque nas circumstancias actuaes o julgo muito conveniente, e até indispensavel á Igreja. Tambem não aprecio do mesmo modo alguns factos historicos, referidos no livro, nem

acceito as illações que d'ahi se pretende tirar contra o principado civil dos Pontifices.

«Devo porem confessar que o livro prima na forma, e, no que respeita á substancia, tenho para mim, que nem envolve erros contra o dogma, nem offende os bons costumes, e que trata sempre com o maior respeito e veneração a Egreja Catholica e o Romano Pontifice na qualidade de Vigario de Christo, Successor de S. Pedro, e Chefe espiritual de toda a christandade.

«Ha ainda no livro um grande merecimento, que, por não ser muito vulgar, sobremaneira o recommenda, e vem a ser a extrema urbanidade e cortezia, com que trata sempre os que sustentam e defendem a opinião contraria.»

E todavia, a essas horas, já o meu pobre livro fôra alcunhado de impio, e condemnado ás chamas por um dos meus velhos amigos o sr. padre Francisco Grainha!

Assombra-me a noticia que me dá, contrista-me e amofina-me; não pelo descredito, que me possa

vir de uma accusação infundada, mas, porque vejo a cadeira da verdade convertida, não direi em cadeira da mentira, mas em apostólado do erro e do juizo temerario.

E erro é affirmar, que o meu livro é impio; imprudente e temerario é dizer-se, que o autor, d'antes bom catholico, se deixou perverter agora pela leitura de *novellas* e livros impios.

Impio o meu livro, querido Pae, o meu livro, que é o espelho da minha alma de christão convicto! o meu livro, onde transparecem, a um tempo, os tres mais nobres sentimentos de que é capaz o coração humano — RELIGIÃO, PATRIA E FAMILIA!

Impio o meu livro, em que, ardendo no mais acrisolado amor pela nossa religião, traduzo em periodos sinceros, vehementes, sentidos, a minha dedicação, respeito e inteira veneração pelo que reconheço de mais augusto sobre a terra, pelo Vigario de Jesus Christo!

Impio o meu livro, em que me apresento abertamente, rasgadamente, defensor convicto da liberdade da Igreja, que ahi jaz escravizada pela alcu-nhada protecção do Estado!

Impio o meu livro, que combate de frente esse protestantismo mascarado ahi com o titulo de liber-dades da Igreja!

Impio o meu livro, que quer o pontifice, o bispo, o parochio absolutamente livres no exercicio da missão divina que lhes foi confiada!

Impio o meu livro, que quer a Igreja enrique-cida com os bens temporaes para a congrua sus-tentação da nobre classe clerical, para remediar a miseria dos pobres e desvalidos, para ampliar o do-minio da palavra de Christo, e para elevar o culto catholico áquella altura de que só elle é digno!

Impio o meu livro, que pugna pela liberdade

religiosa, a mais cara das liberdades de que o homem goza no mundo!

Impio o meu livro, que deseja ver garantido o direito de associação religiosa, no qual reconhece uma condição indispensavel á vida da Egreja!

Impio o meu livro, que é um hymno cantado á religião, e á liberdade, ás duas mais preciosas flores da arvore da Redempção!

Impio o meu livro, cuja grande aspiração é congrassar toda a familia christã, e alcançar o ideal do Christianismo, patenteado naquellas palavras do Livro Divino: *Unum ovile, et unus pastor*, Um só aprisco e um só pastor!

Atroz injustiça!

E, (inaudito arrojo, temeraria accusação), affirmar-se, que eu antes bom catholico me deixei perverter pela leitura de *novellas* e livros impios!

Que desarranjo de ideias!!

Pois, que relação achará o sr. Grainha, entre a ninharia de uma *novella*, e a momentosa questão do poder temporal do papa? E, quem lhe disse que eu as lia? E, admittido que as lêsse, quem o assegurou de que ellas me perverteram? Não trepidou diante de tão tremenda accusação?

Não sei... mas quero crer, que não comprehendeu o alcance da palavra, ou antes escapou-lhe dos labios sem ao menos presentir que a pronunciava.

E todavia a discrição, a serenidade de espirito, a mansidão, a caridade, são predicados indispensaveis ao orador evangelico; sem elles destroe-se, não se edifica, escandalisa-se, não se moralisa, mata-se, não se vivifica; e Christo veio dar-nos a vida, e não a morte: e a palavra do evangelho quando desacompanhada d'aquelles sentimentos, em vez de produzir formosos fructos, só produz espinhos e abrolhos.

Sou, então, o maldito, o homem corrompido, o perverso !

Que importa? O meu excellente amigo roga aos seus ouvintes, que rezem por mim, não sei quantas Ave-Marias, e tudo está reparado: ao insulto segue-se a oração, á malevolencia a caridade. Rara habilidade, que o meu amigo teve, de conciliar coisas tão diametralmente oppostas!— Sacrificae-o, e rezae-lhe depois por alma!

Singular caridade esta, que mata para dar a vida, que assassina para regenerar!

Santo amor de Deus e do proximo, santa Caridade, desthronaram-te da tua séde!

Do alto da tribuna evangelica, d'onde irradiavas luz para vivificares, precipitou-te um ministro do Senhor, para te substituir pela malquerença, e pelo insulto!

Expulsou-te, um levita, do sanctuario, e contigo expulsou tambem a Deus!

Pois onde se não quer a caridade, não se pode

querer Deus! porque Deus é a caridade: *Deus est caritas.*

Que me chamaria aquelle orador sagrado, se eu, na tribuna da imprensa, insultasse os defensores da realza dos papas? Não achava, de certo, no seu dictionario profano nome, epitheto que me applicasse; mas, porque puz a questão na altura em que devem ser postas questões delicadas e momentosas, mas, porque discuti com urbanidade, cordura, veneração, respeito e consciencia, — chama-me impio, e perverso! Que lhe deverei eu então chamar a elle, que foi insultar-me ao templo do Deus vivo, e que do alto da tribuna sagrada, me condemnou sem ao menos me mostrar o corpo de delicto?...

Nada!....

Em que se fundou para affirmar tambem que tomei lição de livros impios? Vê-os acaso citados no livro? Não vê. Encontra lá vislumbre, sequer,

de familiaridade e de trato com os heresiarchas? Não encontra. Digo mais, se estudasse, como devia, o assumpto e o livro, havia de convencer-se de que tudo quanto alli ha escripto, devo-o á minha profunda meditação, auxiliada pelas luzes do direito divino, da sã philosophia moral e religiosa, e da historia imparcial, e que tomando em conta os argumentos dos tratadistas, nunca lhes copiei uma phrase, sequer; li-lhes os livros, como me cumpria, mas, pensei mais do que li; e, se lá vislumbra heresias, ou lá enxerga impiedades, attribua-as todas a mim, e não distribua a responsabilidade por cumplices, que não tive, descarregue-a toda sobre o autor, e sobre o livro.

Quem disse a esse homem, que eu lia livros impios, e que foram elles, onde me inspirei, para escrever o meu livro? Ou eu me engano, ou elle accitou sem critica a accusação, que me fez o «Bem Publico», de copiar Voltaire, Calvino, e... não sei quem mais, não me lembra agora, a proposito de que.

Ora o Pae, que me viu escrever o livro, que

me ouviu lêr, um a -um, todos os capitulos, ao passo que os ía compondo, nunca viu em cima da minha meza, senão a Biblia, os livros dos Santos Padres, obras de historia ecclesiastica de escriptores autorizados como Pastorini e Fleury, obras de Bossuet e Fenelon, historias cordatas e imparciaes, como a Universal do illustre Cesar Cantu, *Vitae Pontificum Romanorum*, de Sandino, Chronologia dos Summos Pontifices do abbade D. Joaquim de Azevedo, as obras dos mais accerrimos defensores do poder temporal, como os livros de Mg.^r Cardeal Mathieu, arcebispo de Besançon, e do Sr. Dupanloup, bispo d'Orleans, (e a leitura d'estas, devo dizel-o, foi-me um dos mais poderosos auxiliares, pois os seus argumentos mais me firmaram nas minhas convicções) sem fallar do sr. Guizot e do conde de Montalembert, e ainda outros. É tudo quanto viu o Pae e os nossos amigos, que por vezes se ajuntavam em volta da meza para me ouvirem lêr o manuscripto do livro; e sabe que li tanto Voltaire, e Calvino, como o autor da verrina do « Bem Publico » leu um livro do meu saudoso amigo padre José Ignacio Roquette.

E, a proposito, deixe-me, que interrompa por um pouco o assumpto principal d'esta carta, para lhe dizer, que não me consta que o « Bem Publico » tenha continuado a descompôr-me; eu previa isto, quando o vi tomar tanto impeto no principio, e logo me pareceu, que havia de cançar no meio da carreira, se é que lá chegou; pois, se bem me recorde, não alcançou a meio do livro. Agora, consta-me, que se entretêm a dirigir-me chascos, a proposito da honrosa carta em que o sr. Giacomo Richeri, saudando-me o livro com as mais benevolas expressões, me pediu licença para o traduzir em italiano, e a proposito da commenda da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merecimento scientifico, litterario e artistico, com a qual a munificencia de El-Rei, me condecorou, ha pouco, por decreto, que o Sr. D. Antonio Alves Martins, Bispo de Vizeu, não duvidou referendar.

D'esta vez, ainda assim, foi mais feliz, do que quando se lembrou de attribuir o meu despacho

de lente cathedratico a *graça*, que o sr. dr. José Maria de Abreu me quiz fazer em attenção ao livro, no que disse, simplesmente, uma needade.

Mas, quer prosiga, quer não, na sua verrina, persisto na minha resolução de não responder a quem d'isso se não faz merecedor, como logo se evidencia no preambulo da descompostura, quando ainda, com ares de pessoa delicada, disse, agradecendo o livro: «que a gratidão só o *obrigava* (*sic*, com licença do «Bem Publico») a ser imparcial e justo;» por onde logo se via, que se lhe não fizesse a offerenda do livro, pregava-me a pirraça de não ser justo, nem imparcial...

Depois, meu Pae ensinou-me, que a primeira condição, para entrar em uma discussão, qualquer que ella seja, é a delicadeza e boa educação; e, na *soi disant critica* do «Bem Publico,» não vi argumentos, mas sómente calumnia, aleive, injuria, doesto e insulto. Merecerá isto resposta de pessoa de bem?

Não; que o homem de bem não sabe fallar a

linguagem dos desprotegidos da que é para nós segunda natureza.

A pobreza dos argumentos, a magreza do raciocínio e o pedantismo da phrase, isso lhe desculpava eu, e sobre tudo a simpleza, com que se aventurou a sustentar, que o poder temporal do papa é de direito divino, proposição, que nunca theologo algum, ainda dos mais ultramontanos, se atreveu a sustentar.

Tudo isto lhe perdoava eu; cada qual dá o que tem e mostra o que é; mas o que lhe não posso perdoar, é a phrase rasteira, soêz, tão propria do soalheiro, e sobre tudo indigna do elevado assumpto, que se abalançou a tratar. E, porque não estou resolvido a dar ao «Bem Publico» lições de civildade, abster-me-ei de lhe responder. Aos homens illustrados, que me conhecem e entendem o meu livro, escusado era dar esta explicação; mas, áquelles que, ou me não conhecem, ou que, por menos lidos, não comprehendem o assumpto, nem entendem o livro, e que vêem talvez no «Bem Publico»,

o *sabichão* d'estes reinos e seus dominios, precisava eu dal-a, para que não vejam no meu silencio mais que a reprovação da sua maneira insolita de discutir, e que não attribuem a covardia o que só é dever de dignidade.

E tanto lhe dizia a consciencia, que não era digno de uma resposta do autor do «Papa-Rei,» que, não me mandou senão o primeiro numero do periodico, sendo-me preciso comprar os outros, que guardarei escrupulosamente, como a melhor prova de que o meu livro val alguma coisa.

Mas, deixando o «Bem Publico» em santa paz, (e Deus lh'a dê, e boa vontade para bem da sua consciencia e edificação dos seus pacientes leitores, e muitos lucros e vantagens á empreza) e, voltando ao nosso assumpto, não parece ao Pae, que está abaixo da intelligencia distincta do sr. padre Grainha, deixar-se embair pela leitura de affirmações gratuitas, e inspiradas sómente pela má vontade e desejo de dizer mal? Creio bem, que se o

meu antigo companheiro de Coimbra lêsse attentamente o meu livro, e se dêsse ao incommodo de o estudar, embora não concordasse com a minha opinião, havia de reconhecer comtudo a rectidão e a pureza das minhas intenções, as quaes bem se traduzem em cada capitulo, em cada pagina, em cada linha, e em cada palavra d'elle.

E, não sou eu, quem lh'o affirmo; podia dizer-lh'o uma carta, com que me honrou um homem virtuoso, um ancião venerando, que foi aqui seu director espiritual, e que, para todos, que temos a dita de o conhecer, é exemplar de virtude e saber.

O Pae conhece este homem; lembra-se, de certo, das palavras, que me disse, quando, depois de o apresentar, o Pae conversou com elle: «É um anjo na terra!» Pois bem; é esse homem que ha de magoar-se profundamente quando lhe eu disser, que o nosso commum amigo, seu discipulo, e meu companheiro d'outr'ora, alcunhou de impio «O Papa-Rei e o Concilio.»

E, quando, e em que logar me foi feita a temeraria accusação!?

Quando se tratava de convidar os fieis a assignar um protesto contra a occupação de Roma pelas tropas de Victor Manuel, quando se dizia ao povo crente,—que «os italianos, como vandalos, tinham assaltado a casa do Vigario de Christo, e lhe haviam roubado tudo.»

Então, era preciso apontar ao povo os autores e cúmplices d'aquella occupação; e o meu amigo de tantos annos, e o ministro de Deus, e o orador sagrado aponta o cúmplice (e não sei se autor tambem), e exclama:—*Ecce homo!*

É o autor do livro «O Papa-Rei e o Concilio», o reprobó, o maldito, o perverso!—*Ecce homo!*

E menos generoso, que Pilatos, quando mostrava Jesus aos judeus, pronunciou elle mesmo o *Crucifige eum:*

«Queimae-lhe o livro, disse, e que este signal de reprovação, que ides dar-lhe, seja a sua cruz: *Crucifige eum.*»

Quem lhe deu a elle o direito de me fazer cúmplice de um facto consummado, sobre o qual não pronunciei juizo? Aqui mesmo se evidencia, que não prestou a attenção, que devia prestar ao meu livro; se lh'a tivera prestado, lería no cap.: NON POSSUMUS as seguintes palavras:

«E, não sabeis, que sobre Roma adêja a ideia da consolidação de um reino, e que essa ideia, em que contrariada, ha de vingar um dia, e que no emtanto os propugnadores d'ella, batendo incessantemente ás portas de Roma, lhe hão de furtar a tranquillidade, o repouso, e o desassombro, que lhe são mister, para cumprir a sua missão evangelica?»

.....

«Não cerremos os ouvidos ás vozes da Italia, não fechemos os olhos á verdade dos principios. Cedo ou tarde os destinos da Italia hão de cumprir-se, e os votos da Europa realisar-se.

«—Melhor é então ceder á força da verdade, do que á verdade da força.»

Vê-se que o autor previa o desenlace da questão romana; mas, quem autorizou o sr. Grainha a fazer-me cúmplice n'elle?

Com a devida permissão, tomo a liberdade de lhe lembrar, eu que sou leigo, que o Evangelho manda-nos ser prudentes nos nossos juizos, e que o assassino da honra, e do bom nome, não é menos condemnavel aos olhos de Deos, que aquelle que desfecha o tiro em seu irmão n'uma encrusilhada!

Mas, não são só as leis divinas, que condemnam este attentado, são tambem as leis civis: o sr. padre Grainha não commetteu sómente um peccado; perpetrou tambem um crime punivel pelas nossas leis.

E em que logar, me quiz elle assassinar os creditos de homem religioso e fiel ás crenças de meus Paes, crenças em que me confirmei pela reflexão e pelo estudo?!

N'um templo espaçoso e vasto... perante um nu-

merosissimo concurso de crentes... do alto da tribuna evangelica, que deve ser a cadeira da verdade, da verdade, sim... e d'alli, e da bocca do levita, o povo crente não sabe ouvir outra coisa, senão a verdade. «É impio, disse o sacerdote, queimae-lhe o livro.» E o povo... o povo, que não lê, que não estuda, o pobre povo, a quem denegaram o pão do espirito, e a luz da alma, repete na sua cega credulidade: «É impio, fujaamos d'elle, que está excommungado; vamos queimar-lhe o livro, e demos-lhe assim o nosso voto de desapprovação.»

Tremenda responsabilidade!

Tremenda responsabilidade, sim, a do homem, que pretendeu accender a ira popular contra quem procede mais christãmente do que elle. Digo-o com toda a força da minha alma: christão, como sr. Grainha, não o sou, não o quero ser nunca! e se vira todos os ministros da religião seguirem o trilho, que elle segue, então... consideraria a Igreja de Christo em perigo, se o Evangelho, e a inteira fé, que n'elle ponho, me não dissessem, que ella ha de

triumphar das machinações dos ímpios, e ainda dos desvios dos seus ministros, e perdurar até á consummação dos seculos.

Não comprehendo Christianismo sem caridade, sem mansidão, sem humildade, sem justiça. Pois o Divino Pastor procurava as ovelhas e levava-as ao aprisco, e o meu padre expulsa do aprisco a ovelha?

Notavel transtorno de harmonia na grandiosa obra do Christo!

Aprende de mim que sou manso, e humilde do coração, disse Jesus. E o meu padre sobe á cadeira evangelica, e calumnia-me, e insulta-me!

Amo a misericordia, e não quero o sacrificio. E o meu padre, do alto da tribuna sagrada, instiga o povo contra mim, e, não podendo sacrificar o autor, aconselha o povo a que lhe queime o livro!

Quando dois dos discipulos, indignados por duas cidades não terem querido receber e ouvir o Divino

Mestre, lhe diziam: «Mestre, mandai que o fogo do
«Ceo venha sobre ellas para as devorar!» Respon-
deu Jesus:

*Homens, não sabeis o espirito que vos anima...
não vim para perder, mas para salvar.*

Isto disse o Divino Mestre, o divino exemplar da
tolerancia e do Amor. E o meu padre chama sobre
mim o fogo das iras do povo, e, por uma tristis-
sima contradicção, implora no fim a Misericordia
de Deus sobre o rebelde!

Como conciliou o ministro de Jesus, o odio do
povo com a Misericordia de Deus?!

E como não viu que malbarateava a oração,
este thesouro precioso com que o christão roga a
Deus o pão de cada dia? Serão porventura o erro
e a calumnia pão que alimente o espirito do povo,
ou veneno que lhe mate a fé?!...

Que exemplo de misericordia! Que prototypo de
mansidão! Que interprete da caridade!

Felizmente, n'esta questão não havemos mister nem de misericórdia, nem de caridade, mas sim de justiça. A caridade estende as suas azas sobre o peccador para o cobrir e para o curar. Mas, em que pequei eu, em que delinqui? Que melhor direito tem o sr. padre Grainha para sustentar, que o Papa deve ser rei de Roma, do que eu para sustentar que «o Vigario de Christo deve ser o successor de Pedro, e não o representante de Constantino Magno?» —

«Que o Summo Pontifice não precisa da purpura, do sceptro e da corôa dos cesares, como não precisa o mar das minguardas aguas dos rios, para ostentar toda a sua magnificencia?»

Quer porventura o sr. padre Grainha, que o poder temporal do papa seja de instituição divina? Pouco nos importa, que o queira, e que até se abalance a sustental-o (embora se encontre só com a sua opinião), porque sei respeitar as opiniões alheias, como sei acatar o direito de todos.

Mas supponhamos, que o poder temporal é de direito divino: bem sabia o sr. padre Grainha, que nenhuma doutrina da Sagrada Escriptura pode ser *imposta* á crença dos fieis, sem que a Igreja a tenha definido como dogma; e toda a gente sabe, que ainda nenhum Concilio se lembrou de definir como dogma o poder temporal do papa.

Isto, meu Pae, não digo eu á gente illustrada, digo-o ao povo, que não lê, que não estuda, que não sabe, e a quem pretendem persuadir, que aquelle que combate o poder do rei de Roma, é, por força, inimigo do poder do Pontifice!

Não. Mil vezes, não!

O sr. padre Grainha não venera, não acata, não respeita mais o Pontifice, do que eu o venero acato e respeito.

O meu livro dil-o em muitas de suas paginas, e particularmente no cap.: ECCE SACERDOS MAGNUS; e este lhe recommendaria eu, como o *non plus ultra*

de veneração, respeito e admiração para com o Rei da Christandade...

Estou escrevendo isto e a tomar-me de espanto e pasmo, por ver que um padre, que supponho illustrado e lido em materias theologicas, me obriga a ensinar-lhe a comprehender o meu livro!

Porque o meu livro é accessivel a todas as intelligencias; quem sabe ler, comprehende-o, e quem o comprehende, faz-me justiça.

Não se lembra, meu Pae, quando a minha boa tia Joanna me pedia, que lhe lêsse o ECCE SACERDOS MAGNUS, e lhe rebentavam espontaneas, ao ouvil-o, as lagrimas dos olhos? Santa creatura, alma de pomba, coração angelico! Mal dirias tu então que um padre, que devia saber mais do que tu, te havia de chamar perverso ao sobrinho, e impio ao seu livro!!

Sinceramente, que me sinto envergonhado ao considerar tão lastimosa fraqueza de um ministro do Senhor, e ao ver-me obrigado a recordar-lhe o

cumprimento dos deveres do seu ministerio sagrado!

Parece, que não leu o livro. O livro?... nem sequer a epigraphé, porque se a lèra, havia de ver que nesta questão é livre, ainda ao mais christão dos christãos, defender ou rejeitar o poder temporal. Póde o sr. padre Grainha dizer: o Papa deve ser Rei; como eu posso sustentar, que o Papa só deve ser Papa. Tão catholico fica elle como eu, porque:

In dubiis, libertas.

Nos pontos duvidosos, liberdade para todas as opiniões, que se mantenham no campo do direito.

Ou quer, então, a unidade em tudo?

Não a pode querer, porque ninguem quer o impossivel. Só na moral, e no dogma é necessaria a unidade de crenças:

In necessariis unitas.

El mesmo aqui, mal poderá o sr. padre Grainha attingir a grande aspiração do Catholicismo, quando assim quebra o grande laço que une as almas e os

corações no mesmo credo,— a caridade, virtude indispensavel em tudo, e em todos:

In omnibus caritas.

Porque a grande maravilha da unidade catholica, só a pôde crear o Amor!

Use, pois, do seu direito, e deixe, que eu use do meu: *Jus suum cuique*, O seu, a cujo é.

Quem ler o meu livro attentamente ha de ver logo, que trato os partidarios do poder temporal com aquella cortezania e respeito que todo homem de bem deve áquelles, que professam convicções sinceras e profundas; e sinceras, e profundas são as minhas convicções neste assumpto, paraque o sr. padre Grainha não preterisse o dever de m'as respeitar. Mas, não só as não respeitou, senão que me fez, na ausencia, a mais tremenda das accusações.

Grandissima covardia!

Muito bem sabe o Pae, que bastantes dias me

demorei na nossa terra ainda, depois que o sr. padre Grainha regressou da sua viagem a Roma; e então, bem pôdera o meu caritativo amigo procurar esta ovelha desgarrada, e, imitando o Bom Pastor, leval-a ao redil, se é que a julgava perdida. Mas não: nem uma palavra, sequer, de desapprovação me dirigiu directá ou indirectamente, antes o nosso primo prior da Conceição me disse, um dia, que o meu velho amigo lhe perguntára, com todo o interesse, por mim e por toda a nossa familia.

E é, quando estou longe da familia e da patria, quando não posso oscular a minha santa Mãe, para lhe suavisar a amargura que lhe havia de causar uma accusação tão grave e tão solemne, fulminada do alto da tribuna sagrada contra o filho, que tantas vezes lhe confirmou com lagrimas a firmeza das crenças que ella lhe deu com o leite... é, quando longe do santo gremio, do santo lar da familia, não posso tomar nos braços uma innocente filha, que



ahi deixei na companhia de meus Paes, para a apresentar como prova, de que é pura, é grande, e é christã a alma, que sacrifica o amor paternal diante do amor filial... e é, quando a minha Emilia, e os nossos filhos, Emilia e José, não podem mesmo ante o altar do Deos vivo, protestar — aquella com a sua tranquillidade de alma angelica, estes com a sua só sacrosanta qualidade de filhos, contra a affirmação indigna, que atira ás faces do esposo e do pae com o labeo de mentiroso, quando na dedicatória lhes diz, que, «como christão, deseja do intimo d'álma ver a Egreja reassumir livre e desassombrada o mando espiritual do mundo que lhe deu o seu divino fundador»... é quando, emfim, me achava longe da patria, e não podia justificar-me perante os meus patricios, desforçando-me, com a espada da palavra, da accusação que me fez um amigo, um padre, um orador sagrado, é então que este orador, este padre, e este amigo me dá o osculo... e me fere pelas costas!... Oh não! o meu amigo não me trahiu, não era capaz de me trahir...

Mas que o fôra, embora ! não acharia, eu o affirmo, no povo da Covilhan, phariseus que lhe accetassem a victima.

Não, mil vezes não.

O povo da Covilhan, que respeitou sempre as nobres tradições de toda a nossa familia, o povo que, na memoravel noite de 20 de agosto, não respondeu aos vivas, com que foram provocar-me á porta da casa de meu Pae, jámais seria injusto para com o homem, que, mercê de Deos, não tem em toda a sua vida uma nodoa que deslustre aquellas tradições.

E assim tenho por sem duvida, que os meus patricios fazem inteira justiça tanto á pureza dos meus sentimentos religiosos, como á convicção com que apostolei uma doutrina que, não offendendo, em coisa alguma, as prescripções da moral christã, nem contrariando os dogmas da nossa santa fé, tenho por a mais justa e conveniente aos elevados interesses da Igreja catholica.

Sente, meu Pae, como eu, a injustiça que me

veio ferir; e já me parece vêl-o tão sensibilizado, que bem é, que, para compensação, lhe recorde agora alguns dos numerosissimos testemunhos de apreço, que me deram sabios nacionaes e estrangeiros.

Ouçamos a grande voz da justiça, que se nos faz ouvir pelo orgão da imprensa.

São grandes intelligencias, e grandes almas, que vão mitigar-nos, um pouco, a dôr com que a injustiça veio ferir-nos.

Lembra-se que a *Correspondencia de Portugal*, na excellente «carta de Lisboa» disse, ácerca do meu livro, entre outras coisas, o seguinte:

«O Papa-Rei e o Concilio, é o titulo de um livro, publicado, ha poucos dias, pelo sr. Manuel Nunes Giraldes, lente de direito politico e de direito ecclesiastico na Universidade de Coimbra.

«Não tendo a honra de conhecer o autor, estimulados apenas pela importancia do assumpto, abrimos e lêmos o livro com a desprevenção, que me-

lhora dispõe o espirito para as legitimas impressões da leitura. É uma erudita e formosa composição, que ensina e deleita.

.....

«O poder temporal do papa, as relações do Estado com a Igreja, e o divorcio entre a Igreja e a liberdade são os assumptos, que generosamente illumina a culta e brilhante intelligencia do sr. Giraldes.

«Revela-se alli ao mesmo tempo o homem de sciencia, pelo methodo, e pelos conhecimentos que exhibe de philosophia moral e de direito publico ecclesiastico, o homem de letras, pelo fino lavor da palavra em que soube engastar o pensamento, e o homem de bem, pelo perfume de consciencia que recende, em todas as paginas, o livro.

«Admiravel triada, em cujas inseparaveis hypostas reside a plenitude do sacerdocio da sciencia.

.....

«Alli está pois um bom livro, e, com o livro, um relevante serviço prestado pelo seu autor. Etc.»

Tambem não esqueceu, de certo, as palavras com que o meu amigo e collega o sr. dr. Garcia saudou o meu livro, no excellente artigo bibliographico, que publicou no *Trabalho*.

Diz o meu talentoso collega:

«Já annunciámos, e vamos hoje rapidamente apreciar substancioso e elegante escripto, cujo assumpto prende nas questões mais graves e melindrosas, que em relação á Egreja e ao Estado o seculo procura resolver.»

Depois de transcrever parte do capitulo — ECCE SACERDOS MAGNUS, diz assim:

«O autor das paginas, que acabamos de transcrever é um destes espiritos elevados, alma sincera e generosa; imagina, crê, e parece ver reflectir na Egreja a luz pura, as harmonias sublimes, as grandes infinitas do Ceo.

«Abrasado no mais vehemente amor pela obra sublime do Christo, contemplando, cheio de pasmo e admiração, por entre as ruinas do velho mundo,

no meio das devassidões pagãs e dos horrores da barbaria, o casto berço da religião santa, deseja a unidade catholica entre todos os filhos do Christianismo, entre todas as nações christãs.

.....

«O seu livro é hymno perpetuo á liberdade religiosa, politica, civil e economica; rapsodia inspirada, defeza apologetica do Christianismo.

«Se o livro val muito pela ideia e pela forma, é, alem disso, um thesouro inexgotavel de intimos e nobres sentimentos. E são na verdade os tres maiores sentimentos, com que o Supremo Ser enriqueceu o espirito e dotou o coração humano, que brotam a flux daquellas paginas brilhantes, que a razão e a fé, nas suas mysteriosas harmonias, inspiraram ao consciencioso autor — RELIGIÃO — PATRIA — E FAMÍLIA.

«Não os esconde o autor, nem que o pretendesse lograria conseguil-o; que ha sentimentos mais expansivos do que a luz, mais intensos que o sol equatorial; se os concentram, absorvem; se tentam apagal-os, devoram!

« Bem ao contrario os denuncia nestas sinceras e vehementes phrases de amor, que são o legado precioso que transmite aos filhos, sublime prova do affecto que dedica á esposa virtuosa e digna.

.....

.....

« O livro é a photographia de uma alma generosa, biographia de um coração magnanimo, historia verdadeira de profundas crenças e affeições intimas, que despontam no berço, que se aprendem na infancia, que se completam e robustecem na adolescencia, que o espirito leva talvez para alem do tumulo.

« O livro representa a fé no Evangelho, o amor da Liberdade, a esperança de ver na Egreja, e na sociedade civil a Liberdade e o Evangelho ligados pelo Amor.

.....

« A julgar pelo seu livro, é o sr. dr. Nunes Giraldes um d'estes espiritos judiciosos e esclarecidos, christão convicto e liberal apaixonado, que não re-

nega, antes ama ardentemente as conquistas, os progressos, as maravilhas do seculo : escriptor sincero expõe franca e desassombradamente, como quem se não arreceia nem da voz da consciencia, nem da censura dos homens, a sua doutrina e opiniões; não maldiz nem condemna os que pensam diversamente ou sustentam ideias oppostas.

.....

«O autor, catholico pela patria, pelo nascimento, pela educação e pela fé, mostra sel-o tambem pelo raciocinio, pela sciencia e convicção.

.....

«O autor deseja e quer a liberdade e independencia da Igreja, e vel-a, desassombrada de todos os interesses da terra, rodeada de todas as grandezas e esplendores do Ceo, imperar sobre os espiritos e derramar a luz divina nas consciencias.

.....

«A separação entre o poder temporal e o poder espirital do pontifice é o ponto mais culminante da obra e o assumpto principal, que o autor se

propoz tratar e desenvolve com profunda e verdadeira philosophia, com sinceridade e vasta erudição historica.»

Transcrevendo depois a parte final do meu livro, diz o sr. dr. Garcia:

«Tal é a chave d'ouro com que o autor fecha o seu livro.

.....

«Aqui terminamos a breve analyse de um livro importante, que é ao mesmo tempo um trabalho scientifico valioso na substancia, uma obra litteraria aprimorada na forma, serviço relevante prestado á Igreja e á sociedade civil, que ha seculos andam empenhadas em tão graves demandas.»

.....

São, como acabamos de ver, estas momentosas questões que o sr. dr. Nunes Giraldes desempenha com toda a lucidez de principios, variada lição de historia, critica imparcial, fé viva, e profunda erudi-

ção no seu livro — «O Papa-Rei e o Concilio», livro muito para ser lido e estimado, tanto pelo assumpto, que de si se recommenda, pela elegancia e bellezas de estylo, que nelle abundam e realçam, como pela resolução conciliadora, que o seu christianismo e liberal autor pretende dar a tão difficeis e encontrados problemas.

.....

O sr. dr. Nunes Giraldes á dedicação, amor ao trabalho, e illustração, reúne a coragem ; e, forte da propria consciencia, apoiando-se na razão, e na fé, não se inquieta, não recua, nem sequer vacilla ; prosegue e conclue, intrepido, a sua obra, que revela :— profundo conhecimento do assumpto, razão esclarecida, consciencia pura, critica imparcial, nobreza de sentimentos christãos, independencia politica, e muita dignidade litteraria. Etc.»

O sr. dr. Alberto Garrido, que aliás se mostra temporalista, usou tambem comigo da imparcialidade, propria de homem illustrado e cavalheiro.

Na «Civilisação», jornal catholico de Coimbra, escreveu o seguinte :

«Tenho este livro por um symptoma feliz. Bom agouro encontro nelle, para o futuro das letras portuguezas. Já pelas qualidades litterarias, já pelas doutrinas, já pelas intenções do autor,—«O Papa-Rei e o Concilio» torna-se summamente recommendavel. Poucas palavras bastarão para fundamentar o meu parecer.

«O livro do sr. Giraldes está escripto em boa linguagem, o estylo é energico e elegante, pouco natural, ás vezes, mas em geral, facil e agradavel.

«A materia, que trata é espinhosissima. Neste campo as quedas são frequentes e desastrosas. Contudo o sr. Giraldes pozera-se a caminho, munido de dois excellentes viaticos: a firmeza das suas crenças catholicas, e a sua natural cordura. Facil lhe correu pois a viagem, e fáceis lhe devem correr as que tentar d'ora ávante

«Em tudo que respeita á religião, parece-me que o livro do sr. Giraldes não dá lugar a reparos. A

sua fé é segura, a sua admiração pelo passado da Egreja é inteira.»

.....

Depois de se pronunciar a favor do poder temporal, conclue :

«A minha opinião ácerca do poder temporal é, pois, diversa da que o sr. Giraldes apresenta com tanta força. Quanto ao mais, só me cumpre applaudir, e fazer votos paraque «O Papa-Rei e o Concilio» seja, em breve, seguido d'outros livros, igualmente serios e conscienciosos, que serão utilissimos ao paiz, e honrosos para o sr. Giraldes. O seu trabalho é dos que obrigam:— *Noblesse oblige.*

Lemos na *Independencia*, de que foi redactor um theologo profundo, ornamento da Universidade, e distincto orador sagrado, a seguinte apreciação:

«Sahiu á luz um excellente livro, obra do sr. dr. Manuel Nunes Giraldes. Tem por titulo— «O Papa-Rei e o Concilio». Escripta em linguagem pura e

agradavel, esta obra, em que transparece um sentimento, verdadeiramente christão, occupa-se de rebater a opinião d'aquelles que admittem o poder temporal do papa, como condição indispensavel da sua existencia. O sr. dr. Giraldes é logico na argumentação, christão nos pensamentos, persuasivo na elocução: por qualquer lado que encaremos o livro que temos á vista, não achamos senão motivo para felicitar o digno professor da universidade.

«Num dos proximos numeros daremos d'esta obra mais circumstanciada noticia.»

E isto nos baste agora, meu bom Pae; bastante quebrantado estará o seu espirito ao lêr esta já tão longa carta. Sabe demais, que toda a imprensa do paiz, e até alguns jornaes estrangeiros me fizeram justiça e louvaram o livro; dispenso-me por isso de lhe recordar o que disseram d'elle — *Diario de Noticias, Revolução de Setembro, Jornal do Commercio, Gazeta dos Tribunaes, Tribuno Popular, Conimbricense, A Folha, Trabalho, Com-*

mercio do Porto, Nacional, Jornal do Porto, Echo Operario, Campeão das Provincias, Jornal de Beja, Aurora do Lima, Brachareense, e outros, que me não chegaram á mão. Dos estrangeiros lembra-se do que disse *La Voz d'el Derecho, La Iberia, La Revista d'España*. E muito bem se recorda das honrosissimas cartas que recebi de sabios nacionaes e estrangeiros, entre as quaes conto as de alguns ecclesiasticos dignissimos por suas virtudes e saber.

Só o homem, que talvez mais que nenhum outro devera ser justo para comigo, alcunhou de impio o livro e de perverso o autor d'elle! Perverso eu, porque escrevi um livro, que tenho pelo mais precioso legado, que hei de transmittir a meus filhos, quando Deus me chamar para si!

O mais precioso legado sim, porque é o retrato da minha alma, que lhes cá fica, para lhes attestar o meu amor de pae, e a sinceridade e firmeza das minhas crenças de christão!

E o meu amigo, caro Pae, pretendeu roubar-me esse thesouro, quiz condemnal-o ás chammas!

Porque?

Porque é um testemunho solemnissimo de amor, respeito e dedicação para com a Igreja e o seu Chefe.

Sacrilego intento!

Paraque?

Paraque se extirpe o veneno da impiedade, que elle — só elle — lá enxergou.

Leviandade lamentavel, ou calumnia audaciosa!

Leria, ou não leria o livro? Se leu e não estudou, foi leviano e errou. Se leu e estudou, calumniou e mentiu. Creio bem, que o sr. padre Grainha caíu na primeira ponta d'este dilemma. Não estudou o livro, que requeria estudo pauzado e reflectido; ou talvez, partidario entusiasta da soberania papal, deixou-se fascinar pela paixão, varreu-se-lhe

a luz do espirito, e não viu que se pode ser adversario do rei de Roma, e ao mesmo tempo sincero admirador e respeitador do Pontifice.

E, foi essa paixão que lhe assoprou o desejo de ver queimado o livro ?!

Queimar o livro !

Queimar a ideia, o pensamento, queimar a alma!

Vão e ridiculo tentamen !

Não viu que o livro é como a phenix,— renasce das proprias cinzas ; como a luz, se estende, espraia e propaga até ás mais remotas paragens do globo !

Mas, se a tanto chega o poder milagroso do seu zelo pelo que julga ser a salvaguarda da Religião, escolha todos os exemplares que já estão espalhados pelos Dois Mundos ; que, por minha parte, ponho á sua disposição todos os que tenho, e até lhe não recusarei o autographo, que conservo e guardo ; queime tudo, e no meio da fogueira lance até o autor, se é que lhe faz saudades o crepitar

das chammas da inquisição: mate, e queime tudo; mas, o que não poderá matar e reduzir a cinzas, é a ideia, o sentimento, que são immortaes como a alma!

Estou fatigado; deveria talvez terminar aqui.

Escrevi o meu livro, e associei a elle os nomes da esposa e dos filhos; levantando hoje a injusta accusação, que o ministro de Deos, para mal da religião, e escandalo para todos, me fez do alto da tribuna evangelica — accusação que vae reflectir-se na, para mim sagrada, pessoa do meu primeiro amigo, do meu excellente educador, quiz associar o seu nome á desaffronta. Eis o motivo d'esta carta.

E porque, escrevendo a meu Pae, me dirijo tambem aos meus conterraneos?

É porque, pleiteando em defeza dos meus sentimentos, convicções religiosas e tradições de fa-



milia, devo, posso e quero associar-lhes tambem as tradições da patria e os sentimentos generosos do bom povo covilhanense.

Nobre povo, abusaram da tua boa fé, e em vez de te afervorarem as crenças, pretenderam desvairar-t'as!

Insultaram-te, se te julgaram capaz de crêr he-reje o homem que conheces desde que ergueu a primeira prece ao Deos dos christãos.

Insultaram-te, se te julgaram capaz de te indisporeres contra o homem, que ainda ha pouco saudaste, quando o viste laureado; porque tu não ignoras, que as minhas honras são as tuas honras, e que, filho do povo, reparto com o povo o pouco que sou, o pouco que valho.

Trahiram a tua fé, illudiram a tua boa vontade, porque te chamaram ao templo para dares uma prova de affecto e homenagem ao Chefe do Catholicismo, ao santo Vigario de Jesus Christo, e arremessando a calumnia ás costas de um teu irmão,

quizeram fazer-te cúmplice e instrumento do covarde attentado.

Julgaram-te crente fervoroso, como és na verdade; mas, abusando da tua crença, quizeram fazer-te credulo; em vez de caritativo e religioso, quizeram fazer-te intolerante e fanatico!

Pois devolve-lhe o insulto, ó povo, e dize-lhe, que não és pagão, mas christão; que não és sectario de Mahomet brandindo a espada de fogo da intolerancia, mas filho do Pae Celeste, e herdeiro da Cruz, este symbolo sacrosanto da tolerancia e do Amor!

Enganaram-te, ó povo, ensinando-te o erro em vez da verdade!...

Mas ai! se do alto da tribuna sagrada se espalham trevas sobre a cabeça do povo, para que surgiu no Ceo, oh meu Deos, aquelle oceano de luz da Redempção?!

Se do alto da tribuna sagrada se desencadeia a tempestade assolaradora do erro, onde irão aco-

lher-se as verdades eternas do Evangelho, onde irá abrigar-se o teu rebanho, oh divino Pastor!

Se do alto da tribuna sagrada fulmina o raio da calúnia, que fizeram os homens da tua justiça, oh divino Julgador da humanidade?

Se do alto da tribuna sagrada brande o teu ministro a espada da intolerancia, e da perseguição religiosa, quem ousou arrebatat, das mãos do teu anjo de paz e misericordia, o ramo da oliveira?

Se aspergem a consciencia do teu povo com as negras aguas da lagôa impura, onde Satan machina odios e traições, onde foram sumir-se as aguas do Jordão?

Se o odio e a malcrença é thema para os que se dizem teus interpretes, paraque ensinaste o amor do proximo e fizeste da Caridade a suprema lei do codigo divino do Evangelho?

Crê, ó povo, como eu creio; mas lê e instrue-te tambem, paraque te não façam credulo, e saibas o que deves crer; já que um ministro de Deus preten-

deu deivairar-te as crenças, e ensinar-te a pagã intolerancia contra tudo, e contra todos, tramando assim a ruina da Igreja, e compromettendo os mais graves interesses do Estado.

Por isso te dediquei esta carta, ó povo da Covilhan, para veres, que esse padre te burlou a crença, escarneceu a fé, e indigna, covarde, e sacrilegamente me imputou culpas que não tenho.

O insulto feito a mim foi, pois, igualmente feito a ti, e, sendo commum o insulto, cumpria-me associar o teu nome a esta desaffronta.

Agora, já não hei mister de mais, meu Pae; ponho ponto aqui, pedindo-lhe, abençõe Seu

Coimbra, 31 de dezembro
de 1870.

filho obediente e gratíssimo

Manuel.





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329644174

